

LUIZ CARLOS CAGLIARI

**ANÁLISE FONOLÓGICA**  
**INTRODUÇÃO À TEORIA E À PRÁTICA**  
com especial destaque para o modelo fonêmico

MERCADO  
LETRAS

## Capítulo 1 NOÇÕES BÁSICAS

### *Fonética e Fonologia*

A Fonética e a Fonologia são áreas da Lingüística que estudam os sons das línguas. A Fonética preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam lingüisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala. A Fonética diz, por exemplo, que um som articula-se com uma corrente-de-ar pulmonar, egressiva, com uma fonação sonora, com uma obstrução fricativa à corrente-de-ar, formada pela aproximação dos lábios levemente protrusos, como no caso do som [β]. Às vezes, a descrição de um som vem em termos acústicos: [i] é a vogal que tem o F-1 (primeiro formante) e o F-2 (segundo formante) mais afastados um do outro. O F-1 localiza-se em torno de 250 cps (ciclos por segundo) e o F-2, em torno de 2500 cps. Outras vezes, indica qual o valor do F<sub>0</sub> (tom fundamental) que serve para descrever a variação melódica da fala, ou mostra a intensida-

de do sinal acústico ou a duração de determinados segmentos da cadeia da fala. Todos esses aspectos dependem fortemente da maneira como ocorre a percepção dos sons na fala. Toda observação física deve receber uma interpretação em função das possibilidades articulatórias e auditivas do homem. Um processamento estatístico pode deixar de lado o que é mais relevante para os estudos da linguagem, que é, exatamente, a função que determinado fenômeno ou fato desempenha dentro do sistema da língua. Por isto, a Fonética também trabalha em função do sistema lingüístico e não apenas na constatação física de fatos tirados de dados da cadeia sonora da fala. Pode-se fazer uma análise fonética com ou sem aparelhos eletrônicos ou de outro tipo, como se vê nos laboratórios de fonética, mas não se pode fazer uma análise fonética lingüística sem um adequado treinamento de produção e de transcrição de sons da fala (*ear-training and performance*: treino de transcrição e de produção de sons da fala, a partir das possibilidades articulatórias do homem).

A Fonologia, por sua vez, faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los. A Fonética é basicamente descritiva e a Fonologia, interpretativa. A análise fonética baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função lingüística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas. Enquanto a Fonética descreve o que acontece quando um falante fala, a Fonologia almeja a descrição da organização sistemática global dos sons da língua desse falante. Por exemplo, em Português, as vogais [a] e [ẽ] servem para distinguir o significado de certas palavras da língua, como *sá* [sa] e *sã* [sẽ], *lá* [lá] e *lã* [lẽ] etc. As vogais [a] e [ẽ] são, foneticamente, diferentes e cada qual tem uma função própria distintiva. Porém, em certas palavras, como *camada*, pode ocorrer a vogal [a] ou [ẽ] na primeira sílaba, sem que o significado da palavra se altere. Foneticamente, as vogais são

as mesmas do caso anterior, mas a função que elas desempenham na Língua Portuguesa varia, sendo distintiva de palavras num caso e não distintiva no outro. Reconhecer que as ocorrências dessas vogais são idênticas é tarefa da Fonética. Interpretar seu valor dentro do sistema da língua é tarefa da Fonologia. Por essa razão, embora a Fonética e a Fonologia tratem do mesmo objeto sonoro, têm métodos e técnicas diferentes, procurando resultados diferentes. A Fonologia pressupõe sempre uma análise fonética. Seria falso, entretanto, dizer que a Fonética prescinde totalmente da Fonologia. Em alguns modelos de análise lingüística, a Fonética e a Fonologia se confundem. Quem pretende trabalhar somente com Fonética ou exclusivamente com Fonologia não tem condições de entender a realidade sonora da língua. A Fonética sozinha pode se perder em coisas inúteis. Por outro lado, sem a Fonética, a Fonologia começa a inventar uma língua que existe apenas para contentar o modelo teórico. Esse entrosamento entre Fonética e Fonologia representa a exigência de adequação da interpretação gerada pelos modelos teóricos com os fatos reais das línguas.

Neste trabalho, apresentam-se, sucintamente, considerações metodológicas e técnicas que servem para fazer uma análise fonológica básica. A metodologia é estruturalista, seguindo a abordagem fonêmica proposta por Kenneth Lee Pike e aplicada e desenvolvida por muitos lingüistas. Os dados são apresentados na sua forma fonética, assumindo que tenham sido cuidadosamente analisados e transcritos foneticamente.

O termo fonêmica tem sido reservado para os trabalhos dos estruturalistas americanos, seguidores de K.L. Pike. O termo fonologia tem sido usado num sentido mais abrangente, incorporando, por exemplo, a contribuição dos lingüistas europeus aos estudos dos elementos sonoros da fala.

As interpretações dentro do modelo estruturalista pressupõem uma análise distribucional prévia. Dados e contextos

são inseparáveis e imprescindíveis em toda descrição fonêmica. A abordagem estruturalista parte sempre do particular para o geral, do fato para o sistema, da realidade fonética para a interpretação fonológica. Portanto, aplica um processo progressivo de abstração e de generalização. O ponto de partida é sempre muito claro e facilmente identificável (por causa da Fonética), mas o ponto de chegada depende muito do arrojado do fonólogo.

Não faz sentido dizer que a Fonologia Gerativa pressupõe uma interpretação fonêmica, embora seja mais fácil trabalhar com a Fonologia Gerativa quando se parte de uma análise fonêmica. É falso também achar que é impossível descrever fonologicamente uma língua que nunca foi descrita ou estudada, como algumas línguas indígenas, sem uma interpretação fonêmica prévia. O que é, de fato, essencial é uma boa análise fonética, que será aproveitada como ponto de partida para as análises fonêmicas ou como ponto de chegada para as interpretações da Fonologia Gerativa. Ou seja, toda reflexão fonológica, seja ela de que tipo for, baseia-se sempre em dados e fatos obtidos através de uma cuidadosa análise fonética. Até onde a fonêmica vai chegar na sua análise ou de onde a Fonologia Gerativa vai partir são questões metodológicas que cada modelo resolve dentro de seus domínios.

#### *Oposição e variação*

As línguas naturais caracterizam-se por se formarem da união de significados com significantes. Os significantes são os sons da fala, isto é, a realidade material sonora que carrega o significado. A escrita, por sua vez, não passa de uma representação gráfica dos dois elementos básicos constitutivos da linguagem.

Uma frase como:

(1) Dois sitiantes compraram uma vaca?

tem uma cadeia de sons variados e um significado total, fruto da somatória de vários significados particulares combinados. Podemos dividir essa frase em pedaços menores e observar até que ponto podemos ir cortando, reconhecendo em cada pedaço um significado e um significante. Podemos, por exemplo, separar a frase em palavras. A primeira palavra, *dois*, tem um significado (quantidade) e um significante, formados dos sons representados pelas letras d-o-i-s, e assim por diante. Convém notar que o valor interrogativo (um tipo de significado) da frase aparece somente na frase completa, não em partes menores. Poder-se-ia usar uma entoação interrogativa para cada palavra, mas, neste caso, o significado ficaria diferente do significado da frase interrogativa. Por outro lado, a palavra *sitiantes* tem dois significados: um referindo-se ao *homem do sítio* e outro, à quantidade plural do referente (objeto apontado pela referência, ou seja, pelo significado linguístico). Nota-se que cada um desses significados tem seu significante: o primeiro é *sitiantes* e o segundo, apenas o *-s*. Se continuarmos a segmentação dessa palavra, veremos que, a partir daí, destruiremos o significado. Assim, *sitiantes* é algo que não existe no léxico do Português. A primeira sílaba *si* poderia ser a conjunção *se* (falada), mas essa palavra não tem nada a ver com *sitiantes*, não faz parte do conjunto de significados englobados pela palavra *sitiantes*. Ainda mais, o *s* do início da palavra é diferente do *s* do final. Este representa o plural, como vimos, mas o primeiro não tem significado próprio na palavra, simplesmente ajuda a formar um significado juntamente com outros sons.

Portanto, há um limite mínimo de segmentação da cadeia-da-fala que permite a identificação de um composto formado de significado e significante. Menos do que isto, perde-se o significado. Essa unidade sonora mínima, dotada de sig-

nificado e significante, é chamada de *morfema* e representa o menor signo lingüístico. Como vimos, um morfema pode ser do tamanho de uma palavra (cf. dois) ou não (cf. sitiante-s).

Sintagma é uma unidade maior, constituída por morfemas ou palavras, que forma uma unidade sintática. Em geral, também tem características prosódicas próprias, como formar um grupo de força com relação ao acento. As frases são formadas por sintagmas. Na tradição estruturalista, a palavra sintagma refere-se também a qualquer seqüência de sons, ou seja, é um termo equivalente a enunciado.

O termo enunciado tem um significado muito específico em algumas áreas da Lingüística, como na Semântica. Nos trabalhos de Fonética e de Fonologia, o termo é usado para representar qualquer unidade sonora a partir da palavra. Uma palavra é um enunciado. Uma sílaba não seria um enunciado. Uma palavra sozinha pode constituir um grupo tonal, mas uma sílaba, não. Uma frase ou um conjunto de frases também podem ser chamados de enunciados. A palavra enunciado tira a conotação de categorias gramaticais das unidades sonoras com que a Fonética e a Fonologia trabalham. Por outro lado, definem um contexto, mostrando as fronteiras de um pedaço da cadeia sonora da fala.

Podemos, com isso, dizer que um enunciado pode variar parte de seus significantes, sem que haja modificação no significado. É o caso da palavra *camada*, que pode ser pronunciada [kamada] ou [kēmada]. Entretanto, não pode haver modificação do significado sem que haja uma concomitante modificação do significante, a não ser em palavras homônimas, como manga (fruta – parte da camisa).

Se trocarmos o primeiro som da palavra *vaca*, colocando [f] no lugar de [v], teremos um outro significado *faca* e, portanto, outra palavra. Vejamos outros exemplos. Podemos substituir o primeiro som da palavra *vela* por uma lista relativamente grande de sons, modificando, em cada troca, o significado original e revelando palavras diferentes.

vela	bela	tela	mela	sela	gela
	pela	dela	nela	zela	ela

Podemos até mesmo excluir o primeiro som [v] e termos uma palavra diferente: *ela*. O fato de modificar ou mesmo de tirar um som de uma palavra, como nos exemplos acima, mostra que esses sons desempenham um papel muito importante na formação do significante. Qualquer alteração nessa parte do significante acarreta uma modificação do significado.

O que aconteceria se trocássemos o som [v] da palavra *vela* por outros tipos de sons, como *ch* ou *l*? Formaríamos enunciados do tipo *chela* e *lela*, que não são palavras da Língua Portuguesa, porque esses significantes não estão associados a nenhum significado.

Para cada ponto de um enunciado, há um conjunto próprio de elementos fonéticos – ou *segmentos* – que podem ocorrer, formando palavras (ou signos lingüísticos). Ainda usando a palavra *vela*, podemos substituir o [e] por outras vogais:

vela	vê-la	vi-la
	vala	vila

Outras substituições geram palavras sem sentido na língua, como *vula*, *vola*. Palavras ambíguas como *vila* e *vila* são preocupações da Semântica e não da Fonologia. A maneira como as palavras são escritas também não faz parte das preocupações da Fonologia. O significante é o que interessa e este é sempre falado, representa uma realidade oral da língua.

O fato de podermos substituir um elemento por outro mostra que a língua tem um paradigma, ou seja, um conjunto de elementos da mesma natureza que podem ocorrer num determinado lugar (contexto, ambiente). A substituição de um elemento desse conjunto por outro pode ou não mudar o sig-

nificado total do sintagma, criando ou não palavras novas – ou sentenças novas, no caso dos padrões entoacionais.

Os sons que têm a função de formar os morfemas e que, substituídos por outros ou eliminados, mudam o significado dos mesmos são chamados de fonemas. Os fonemas, portanto, são sons (segmentos, elementos) que estabelecem uma relação de oposição entre si. Dizemos que estão em oposição fonológica ou que têm um valor distintivo no sistema da língua. O termo fonema aplica-se apenas aos elementos sonoros que constituem os morfemas. Podemos dizer que os padrões entoacionais têm uma função fonológica distintiva, mas esses elementos fonéticos não constituem fonemas propriamente ditos. São unidades fonológicas de outra natureza e ordem. Por razões desse tipo, alguns consideram o acento como um fonema (supra-segmental) e outros como uma unidade fonológica de outra natureza. Isto mostra que a Fonologia não é constituída apenas de fonemas. Há outras unidades de outra natureza que exercem funções específicas, embora estejam intimamente relacionadas com o signo lingüístico, com as relações entre significado e significante.

A função opositiva e distintiva é a função fonológica que permite – através do teste de comutação, isto é, da substituição de um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado – fazer o levantamento de todos os sons que exercem a função de fonemas numa língua ou do valor fonológico que as demais unidades têm. Em outras palavras, na Fonologia, tudo se faz por oposição, tendo como medida de controle o significado resultante das alterações nas comparações.

Como a fala é uma cadeia-de-sons, a detecção dos fonemas através do teste de comutação estabelece a função de fonema para os sons, de acordo com o contexto em que foram encontrados. Isto quer dizer que um som pode estar em oposição fonológica com outro num determinado contexto (ponto de um sintagma caracterizado pelo que vem antes e depois

do som em análise), mas, num outro contexto, tal oposição pode não se realizar. Cada contexto tem sua estrutura e o que acontece num caso não precisa acontecer do mesmo modo em outros. Por exemplo, há oposição fonológica no Português entre [s] e [z], quando ocorrem entre vogais, como em caça e casa. Porém, em final de palavras, diante de pausa, só ocorre o [s] e nunca o [z], como se pode observar em palavras como fiz, paz, vês, avós, todos, eles etc.

Quando a substituição de um som por outro em um mesmo contexto não produz mudança de significado no morfema, o teste de comutação, em vez de mostrar dois fonemas, mostra duas variantes fonológicas (dois alofones apenas). A função fonológica desses dois sons não é distintiva nem opositiva, mas redundante do ponto de vista do sistema lingüístico. No entanto, como a presença de um ou de outro é necessária na formação do morfema, devemos reconhecer a presença de um fonema nesse ponto do enunciado. A realização fonética (alofônica) desse fonema pode ser através de um som ou de outro detectado como variante, mas não dos dois ao mesmo tempo, porque existe um lugar para apenas um som na cadeia-da-fala, naquele contexto.

Assim, se alguém ora diz [baxiga], ora [baɣiga], a diferença entre [x] e [ɣ] não é fonêmica (não são dois fonemas), mas alofônica (são duas variantes de um único fonema). Nestes casos, normalmente, escolhe-se o som que se julga mais comum na fala das pessoas para representar o fonema. No exemplo acima, podemos escolher o [x] para representar o fonema (que ocorre entre o [a] e o [i] da palavra barriga).

A escolha de um dos elementos para representar o fonema é feita com motivação na maneira mais fácil de explicar como os fonemas podem ocorrer em uma língua. Assim, é mais fácil explicar que um som surdo [x] se torna sonoro [ɣ] entre dois outros sonoros (vogais), do que fazer a explicação inversa: um som sonoro [ɣ] torna-se surdo entre dois outros sonoros (vogais). O primeiro tipo de explicação parece mais

natural do que o segundo e, por isto, há uma preferência na escolha do [x] sobre o [ɣ] para a representação do fonema. Dizemos, então, que as explicações fonológicas devem ser o mais possível naturais, isto é, devem estar de acordo com a maior facilidade articulatória ou de acordo com a tendência a equilibrar as forças (valores) fonológicas que regem os sistemas sonoros das línguas. Produzir um som de maneira sonora entre dois outros sonoros representa uma facilidade articulatória.

Algumas línguas têm regras que mostram tendências à nasalização, à assimilação, a contrastar vogais distanciando suas aberturas (alturas) articulatórias etc... Esses fenômenos mostram as forças fonológicas atuantes nos sistemas e que servem de apoio para as explicações fonológicas ou opções na formulação de regras, como no caso da escolha de certos sons em vez de outros para representar os fonemas, dos quais eles são apenas uma das variantes fonéticas (sons).

No caso de se encontrar uma oposição fonológica como em *vela* e *velha*, o [l] e o [ʎ] são dois fonemas, uma vez que possuem um valor fonológico distintivo no contexto em que ocorrem. Os valores fonológicos são abstrações que se originam das relações que os sons físicos mantêm dentro do sistema da língua. O uso de símbolos fonéticos para representar os fonemas é feito para auxiliar o raciocínio fonológico, não para indicar um som fonético propriamente dito. No caso das variantes, o símbolo de um fonema pode remeter a um som diferente daquele que a figura escrita representa. Os alofones, por sua vez, são os representantes fonéticos dos fonemas. As variantes são alofones de um mesmo fonema. Os fonemas são representados entre duas barras inclinadas e os alofones entre colchetes quadrados. Assim, temos o fonema /x/ que apresentou dois alofones [x] e [ɣ] – os quais são também variantes entre si. Temos os fonemas /l/ e /ʎ/, cujos alofones são [l] e [ʎ], os quais não são variantes entre si.

### Ambiente fonológico ou contexto

A fala realiza-se através de uma cadeia de sons, produzindo um contínuo sonoro de qualidades variáveis ao longo do tempo. Um ambiente fonológico ou contexto é constituído por um ou mais elementos que precedem ou seguem um determinado segmento da fala. Assim, o som [v] da palavra *vaca* encontra-se no ambiente de início de palavra, depois de pausa e antes da seqüência [-aka] – ou, antes da vogal [a]. O som [k] está no ambiente de início de sílaba e na posição intervocálica, ou seja, entre dois [a] \_\_ [a]. A sílaba [ka] encontra-se no contexto de final de palavra, diante de pausa (ou silêncio).

Na fala, sobretudo quando se modifica a velocidade de pronúncia, nota-se que é comum alguns sons se modificarem por força do ambiente em que se acham. Essa força do ambiente sobre os sons, modificando-os, tem por finalidade fazer com que um som seja mais semelhante aos que o influenciaram ou, pelo contrário, fazer com que um som seja diferenciado de seus vizinhos. Por exemplo, em algumas pronúncias do Português, o [t] da palavra *tia* é pronunciado [tʃ], ocorrendo a palatalização do [t] por influência da vogal [i]. Uma palavra como *desde* tem o som de [z] por influência da consoante oclusiva sonora [d]. Por outro lado, uma palavra como *deste* tem o som de [s] por influência da consoante oclusiva surda [t]. Em algumas línguas, quando ocorrem duas vogais iguais, a segunda torna-se uma semivogal e forma um ditongo.

Contra a força ambiental, há nas línguas a força estrutural, própria de cada sistema. Todo falante nativo age lingüisticamente em função do sistema de sua língua. Os aspectos mais importantes, como os fonemas, lhe parecem mais óbvios e deles faz um uso automático, e tem um conhecimento mais ou menos consciente. Porém, com relação às variações fonológicas, embora sejam usadas com eficiente automatismo, delas nem sempre o falante tem consciência clara e precisa. Por exemplo, as pessoas dizem auto-

maticamente [ta, tɛ, tʃi, tɔ, tu], achando que estão dizendo a família silábica do T.

É interessante notar o que acontece quando uma pessoa encontra-se diante de uma língua estrangeira. Quando ela desconhece o funcionamento do sistema fonológico dessa língua, sua tendência é julgar o que encontra em função do sistema fonológico de sua própria língua. Dessa maneira, o estrangeiro tende a considerar como alofones dois fonemas daquela língua, pela simples razão que, em sua língua, aqueles sons não estão em oposição fonológica. Por exemplo, um falante de Português, que não conhece a Língua Inglesa, pode confundir os fonemas [s] e [θ] ou [z] e [ð], achando que existe oposição apenas entre [s] e [z], como acontece na Língua Portuguesa (cf. *thin* e *sin*; *that* e *zed*).

Por outro lado, pode acontecer também de um estrangeiro ouvir diferenças fonéticas e dar a elas uma importância fonológica imprópria. Por exemplo, um falante de Inglês, ouvindo Português, pode perceber que a última sílaba da palavra *livro* – ouvida numa frase como *comprei mais um livro* – se pronuncia de modo sussurrado e, a partir daí, achar que sempre que se diz a palavra *livro* deve-se dizer a última sílaba sussurrada, não percebendo que o sussurro caracteriza o final de enunciados, diante de pausa e não a seqüência de fonemas [-vru].

Ao se fazer uma análise fonológica, é preciso estar sempre atento para evitar as interferências da própria língua ou do próprio dialeto na interpretação dos fatos de uma outra língua ou de dialetos diferentes daquele usado pelo analisador. Obtém-se isso através da observância rigorosa da metodologia e das técnicas de análise fonológica. Todas as línguas do mundo organizam-se em sistemas fonológicos que são regidos, nos aspectos mais básicos, pelos mesmos princípios. Em outras palavras, todas as línguas têm sistemas fonológicos formados e controlados pelos mesmos princípios. Todas as línguas (e dialetos) têm fonemas e alofones, apresentam

variantes. Em todas, o ambiente fonológico exerce pressões estruturais; há sílabas; ocorrem pausas; os sons apresentam-se numa ordem linear nos enunciados; há seqüências de sons permitidas e outras proibidas etc. O que é peculiar a cada língua (ou dialeto) é a escolha de possíveis elementos para exercerem as funções fonológicas, além da maneira como se estruturam para formar a realidade oral da língua.

Os lingüistas costumam marcar os contextos com símbolos. Alguns dos mais importantes são apresentados a seguir:

- (traço): serve para marcar a exata posição em que ocorre um segmento, cujo contexto será caracterizado pelo que o precede e segue.
- .
- (ponto): é usado para marcar a separação das sílabas.
- +
- (sinal de mais): marca as fronteiras internas dos morfemas na formação de palavras.
- #
- (cerquinha): indica as fronteiras de palavra, onde uma palavra começa e termina.
- /
- (barra inclinada): usada para segmentar os pés rítmicos. Serve para indicar que o que vem depois é a formação de um contexto (além de indicar que o símbolo entre // são fonemas).
- ||
- (duas barras perpendiculares): indicação de fronteira de frase ou de pausa (em geral, formando grupos tonais)

As regras de contextualização de elementos podem, ainda, vir simplificadas com o seguinte esquema formal:

A → / B — C

Significa que o elemento que precede a flecha ocorre no contexto descrito depois da barra inclinada, ou seja, entre os elementos B e C. Por exemplo, pode-se dizer que o [k] de [vaka] ocorre entre dois [a]s.



vra seguinte começar por vogal. Por exemplo, a palavra *rapaz* termina com o fonema /s/ e este realiza-se com o alofone [s] diante de pausa ou de consoante surda, mas termina com o alofone [z] em juntura de palavras (cf. *rapaz alegre*), quando a palavra seguinte começar por vogal (*alegre*).

Nas regras contextuais, é comum aparecer referência a mais de um fato. Nestes casos, às vezes, deve-se usar a expressão *nos demais ambientes*, que vem comumente abreviada como *nda*. Por exemplo:

/t/ → [tʃ] / \_\_\_ /i/

/t/ → [t] / nda

O fonema /t/ fica uma africada palatoalveolar surda [tʃ] diante do fonema /i/ e realiza-se como uma oclusiva alveodental surda [t] nos demais contextos.

Usam-se as chaves { } para simplificar regras, representando formas alternativas. Podemos reduzir duas regras a uma só com este tipo de notação

/t/ → { tʃ / \_\_\_ i  
t / nda

Um outro recurso muito usado são os parênteses ( ) que significam que os elementos assim fechados são opcionais, ou seja, podem estar presentes ou não. Por exemplo, para definir os padrões de sílabas do Português, o único elemento sempre presente é uma vogal. As consoantes podem estar presentes ou não. Veja a regra abaixo:

tipos de sílabas: (C<sub>1</sub>) (C<sub>2</sub>) (V) V (V) (C<sub>3</sub>) (C<sub>4</sub>)

Quando se diz "descrever a distribuição de um segmento", isto significa que é preciso caracterizá-lo de acordo

com o contexto ou o ambiente em que ele ocorre. A distribuição do [tʃ], em Português, ocorre sempre diante do fonema /i/.

### Sons foneticamente semelhantes

Vimos antes que, em um determinado ambiente, pode ocorrer um ou vários sons, mudando ou não o significado do enunciado. Quando a troca de um som por outro modificar o significado, esses sons estão em oposição e são classificados como fonemas. Quando não ocorrer a mudança de significado, trocando um som por outro em um determinado ambiente, não ocorre oposição fonológica e os sons são variantes de um mesmo fonema.

Portanto, para se fazer o levantamento de quais sons são fonemas numa língua, é preciso saber quais sons estão em oposição fonológica. De acordo com os princípios de equalização em função da maior facilidade de pronúncia e da maior diferenciação em função da melhor percepção da fala, sabe-se, por exemplo, que é mais fácil encontrar um [p] em variação com [b], do que um [p] em variação com um [s]. Os sons que são foneticamente mais *semelhantes* têm maior chance de se realizarem como *variantes* e, por isso, constituem os sons mais suspeitos de não serem fonemas em uma língua. Por essa razão, a análise fonológica dedica uma atenção especial a eles. Os sons foneticamente muito *diferentes* têm alta probabilidade de ocorrerem como fonemas e, portanto, a não ser que haja forte suspeita de que possam ser variantes, eles são considerados *fonemas*, em princípio.

Nos ambientes sob consideração, para se fazer o levantamento de fonemas, escolhemos *pares suspeitos*, formados de pares de sons foneticamente semelhantes, por exemplo, [p] - [b]; [s] - [z]; [n] - [ɲ]; [l] - [ʎ]; [r] - [r̄]; [i] - [e]; [o] - [ɔ], e assim por diante.

Dois ou mais sons são foneticamente semelhantes quando compartilham um número maior de propriedades fonéticas do que se opõem por elas. Por propriedade fonética entendem-se aqui os mecanismos aerodinâmicos (plosiva, ejectives etc.), a fonação (surdo, sonoro etc.), os modos de articulação (oclusiva, nasal, fricativa etc.), os lugares de articulação (bilabial, alveolar, velar etc.), o acento (tônico, átono), a duração (longo, breve), o tom (alto, baixo etc.), e as articulações secundárias (palatalizado, velarizado etc.). Na verdade, deve-se entender toda propriedade fonética que pode ser usada para distinguir o significado lexical de morfemas (palavras), constituindo a diferença específica entre dois sons semelhantes. Assim, a sonoridade é a propriedade fonética que distingue [p] e [b], a nasalidade distingue [k] e [ŋ], a labialização distingue [k] e [kʷ], e assim por diante.

#### Pares mínimos

Pares mínimos são duas palavras (ou morfemas) que têm um ambiente comum (ou seja, um conjunto de sons iguais) e uma diferença, representada pela troca de um único som (ou propriedade fonética) por outro, em um mesmo lugar da cadeia-da-fala. Esses sons (ou propriedades) que se revezam são dois fonemas, porque são as marcas que distinguem uma palavra de outra, atribuindo, a cada uma, um significado próprio. Veja os seguintes exemplos:

pares mínimos:	vela	bata	porta	curta
	velha	pata	porte	custa
ambiente comum:	ve__a	__ata	port__	cu__ta
sons diferentes:	l	b	a	r
	ʌ	p	ɪ	s

Nota-se que [l] e [ʌ], [p] e [b] são sons foneticamente semelhantes (SFS), mas [a] e [ɪ] e [r] e [s] são sons foneticamente não tão semelhantes. O que importa sempre é o valor distintivo ou não que os sons têm.

Quando a diferença entre uma palavra e outra apresenta mais de um som (ou inclui outras diferenças fonéticas particulares), o par de palavras não pode ser considerado um par mínimo, como no caso dos exemplos abaixo (∅ representa um "zero" ou não presença de segmento):

	dado	porta	hoje	ave
	tato	porto	foge	avô
diferenças:	d - d	ɔ - a	∅ - o	acento - ɪ
	t - t	o - u	f - ɔ	o - acento

Quando duas ocorrências lexicais se distinguem por apenas um som e a troca de um pelo outro não representa uma mudança de significado, temos um caso de variação e o par de palavras não é considerado um par mínimo: ocorre apenas uma forma morfológica variante. Veja, por exemplo, [kamada] e [kãmada], duas pronúncias diferentes da palavra *camada*. Porém, em [kata] *cata* e [kãta] *canta*, ocorre um par mínimo. (Convém notar que a palavra *camada* é derivada de *cama*, além disto, notar a distribuição diferente do acento nos exemplos dados.)

Achar pares mínimos é uma técnica fonológica para a detecção de fonemas ou para a constatação de variantes. Mas, nem sempre podemos contar somente com pares mínimos. Na maioria das vezes, é preciso fazer um raciocínio fonológico de outro modo, como se mostra no próximo tópico.

### Pares análogos

Quando não é possível encontrar pares mínimos para os pares suspeitos (SFS), pode-se recorrer aos *pares análogos*, isto é, a pares de palavras que apresentam um *ambiente idêntico* para os sons foneticamente semelhantes (SFS) sob investigação, sem, contudo, constituírem pares mínimos. Neste caso, é sempre preciso verificar se o que ficou de fora do ambiente análogo não exerce uma função condicionadora para a ocorrência dos sons que se quer analisar.

Veamos, por exemplo, o caso das palavras *hoje* e *foge*. Não constituem um par mínimo, porque além da diferença entre as vogais [o] e [ɔ] (SFS), há, ainda, uma outra diferença que consiste no fato de a palavra *foge* ter, em acréscimo, um [f] na sílaba inicial. O ambiente análogo pode ser descrito como aquilo que está diante de [ʒɪ], uma vez que esse contexto é comum às duas palavras (*foge* e *hoje*). Para obter isto, foi preciso deixar de lado o [f] da palavra *foge*.

palavras:	[f ɔ ʒ ɪ] <i>foge</i>	[o ʒɪ] <i>hoje</i>
deixa de lado:	[f]	
SFS	[ɔ]	[o]
par análogo:	[ʒɪ]	[ʒɪ]
ambiente:	— [ʒɪ]	— [ʒɪ]

Uma vez definido o par análogo, é preciso fazer uma *argumentação fonológica* para se descobrir se os sons sob investigação são fonemas ou variantes. No caso acima, pode-se perguntar se faz sentido dizer que o [f] da palavra *foge* condiciona (obriga) a ocorrência da vogal [ɔ] e se a sua não presença condiciona a ocorrência da vogal [o]. Ou seja, será que, foneticamente, sempre que aparecer um [f] só pode ocorrer [ɔ] em vez de [o]? Tal afirmação não faz sentido, porque existem palavras que apresentam a vogal [o] depois do

[f], como *fogo*, *força* etc. A suspeita de *condicionamento* não faz sentido, levando-se em consideração os mecanismos de produção dos sons da fala, isto é, os conhecimentos de Fonetica Geral. Poderíamos também achar que, quando uma palavra começa por vogal, nunca pode ocorrer [ɔ], mas tão somente [o]. Isto não é verdade, uma vez que há palavras como *ódio*, *hora* etc. Sendo assim, resta concluir que as vogais [o] e [ɔ] estão em oposição fonológica nesse ambiente (depois de [f] ou de [Ø] e antes de [ʒɪ]). Na argumentação feita, não foi encontrado nenhum motivo de condicionamento, ou seja, nenhuma *pressão estrutural* que obrigasse que determinado som ocorresse num caso e que o outro devesse ocorrer no outro caso. A falta de motivo para caracterizar os sons como variantes é suficiente para considerá-los fonemas na língua. De um modo geral, parte-se da idéia de que os sons são fonemas nas línguas, a não ser que se tenha algum motivo para considerá-los variantes.

Outro exemplo: no caso das palavras *ave* e *avô*, não faz sentido dizer que, pelo fato de o acento cair sobre o [a] da palavra *ave*, essa palavra precisa acabar em [ɪ] e, pela razão de o acento cair no [o] da palavra *avô*, essa palavra precisa acabar em [o]. Estes exemplos formam pares análogos com sons foneticamente semelhantes. Como não há razão de condicionamento, pode-se dizer que o [ɪ] e o [o] são alofones de dois fonemas distintos: /i/ e /o/, em final de palavras. Na Língua Portuguesa, o fonema /i/ de final de palavras tem um alofone [i], quando a palavra é oxítone e tem um alofone [ɪ], quando a última sílaba é átona.

No caso dos exemplos *porta* e *porte*, pronunciados pelo falante como [pɔxta] e [pɔxtɪ], não estamos diante de um par mínimo, pois, quando comparados, os enunciados apresentam duas diferenças [t/tʃ] e [a/ɪ]. No entanto, constituem um ambiente análogo:

poxx      Ambiente análogo

t	a
tʃ	i

As vogais [a] e [i] apresentam grande diferença fonética, mas [t] e [tʃ] são sons foneticamente semelhantes. Podemos levantar uma hipótese: será que ocorre [tʃ] porque, em seguida, ocorre a vogal [i] e ocorre o [t] porque, em seguida, não ocorre a vogal [i], mas a vogal [a]? Constatando que, nessa língua, sempre se encontra [tʃ] diante de vogal anterior fechada [i, ɪ] e nunca diante de outras vogais (caso em que se encontra apenas o [t]), deve-se concluir que a vogal anterior fechada *condiciona* a ocorrência da africada [tʃ] e a não presença desse tipo de vogal *condiciona* a ocorrência do outro elemento do par de sons foneticamente semelhantes sob investigação, ou seja, a consoante [t]. Neste caso, conclui-se que o [t] e o [tʃ] não são alofones de fonemas diferentes, mas variantes de um mesmo fonema. A indicação do símbolo para esse fonema pode ser o /t/, uma vez que a africada [tʃ] é o membro do par que é condicionado de maneira mais restrita. Desse modo fica mais fácil formular uma regra.

$$/t/ \longrightarrow \begin{cases} tʃ & / \text{ ___ } i \\ t & / \text{ nda (nos demais ambientes) } \end{cases}$$

REGRA: O fonema /t/ realiza-se (alofonicamente) com as variantes (alofônicas) [tʃ], diante de [i] e com [t], nos demais ambientes, isto é, diante de uma vogal diferente de [i].

Uma outra maneira de dizer a mesma regra é a seguinte:

REGRA: O fonema /t/ realiza-se com o alofone [tʃ], diante de /i/ e com [t], nos demais casos.

Podemos encontrar fonemas que aparecem representados por variantes em uma ou nas duas palavras de um par mínimo. Essa variação é demonstrada através de outros dados. Por exemplo, na pronúncia do falante acima, podemos ter palavras como *tia* e *dia*, pronunciadas [tʃia] e [dʒia], que constituem um par mínimo verdadeiro, pois revela que há uma oposição fonológica ocorrendo no ambiente diante de [-ia] e envolvendo sons foneticamente semelhantes [tʃ] e [dʒ]. Notar que o significado das palavras muda com a troca de sons foneticamente semelhantes. No entanto, a regra logo acima revelou que [tʃ] é um alofone de /t/ e um estudo irá mostrar que o mesmo acontece com [dʒ], que é um alofone de [d], nas mesmas circunstâncias. Portanto, [tʃ] e [dʒ] não vão poder ser fonemas autônomos, mas variantes condicionadas pela presença da vogal anterior fechada [i, ɪ]. No entanto, [tʃ] e [dʒ] representam a oposição fonológica de dois fonemas /t/ e /d/. Por outro lado, eles próprios são apenas variantes de [t] e [d]. Neste caso, podemos dizer que, em *tia* e *dia*, temos dois fonemas /t/ e /d/, cada qual com dois alofones: /t/ com [t] e [tʃ] e /d/ com [d] e [dʒ]; [t] e [tʃ] são variantes entre si, assim como [d] e [dʒ]. Convém notar que todas as variantes fonológicas são alofones, mas nem todos os alofones são variantes. Não se deve, pois, usar o termo *variante* em lugar de *alofone*.

#### Exemplos de sons foneticamente semelhantes

Tradicionalmente, a fonologia marca os sons foneticamente semelhantes (SFS) – ou *pares suspeitos* – circunscrivendo-os em *balões*. Os exemplos abaixo mostram os casos mais comuns:

Pares suspeitos envolvendo consoantes:

Oclusivas	$\begin{pmatrix} p \\ b \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} t \\ d \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} c \\ j \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} k \\ g \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} q \\ ɣ \end{pmatrix}$ ?
	$\begin{pmatrix} c & k \\ j & g \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} k & ɣ \\ g & ɣ \end{pmatrix}$
Oclusivas e Fricativas	$\begin{pmatrix} p & \phi \\ t & \theta \\ k & x \end{pmatrix}$
	$\begin{pmatrix} b & \beta \\ d & \delta \\ g & \gamma \end{pmatrix}$
Oclusivas e Africadas	$\begin{pmatrix} t & ts \\ d & dz \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} t & tʃ \\ d & dʒ \end{pmatrix}$
Nasais	m $\begin{pmatrix} n & ɲ \\ ɲ & ŋ \\ \eta & N \end{pmatrix}$
Fricativas	$\begin{pmatrix} \phi & f \\ \beta & v \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \theta & s \\ \delta & z \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} s & ʃ \\ z & ʒ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \ç & x \\ j & ɣ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} x & \chi \\ ɣ & ɣ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} h \\ fi \end{pmatrix}$
	$\begin{pmatrix} \phi & f \\ \theta & s \\ \beta & v \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} s & ʃ \\ z & ʒ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \ç & x \\ j & ɣ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} x & \chi \\ ɣ & ɣ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} x & h \\ ɣ & fi \end{pmatrix}$
Africadas	$\begin{pmatrix} ts & tʃ \\ dz & dʒ \end{pmatrix}$
Laterais	$\begin{pmatrix} l & l̥ \\ l & ḷ \end{pmatrix}$
Vibrantes	$\begin{pmatrix} r & r̥ \\ r & ṛ \\ ɹ & r̥ \\ ɹ & ṛ \\ r & R \end{pmatrix}$
Lugar de Articulação	$\begin{pmatrix} k & k \\ t & t \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} k & k \\ t & t \end{pmatrix}$
Aspiração	$\begin{pmatrix} p^h & p \\ k^h & k \end{pmatrix}$

Duração	$\begin{pmatrix} t: & t \\ k: & k \end{pmatrix}$
Labialização	$\begin{pmatrix} k^w & k \\ s^w & s \end{pmatrix}$
Palatalização	$\begin{pmatrix} m^j & m \\ t^j & t \end{pmatrix}$
Velarizados	$\begin{pmatrix} t^v & t \\ l^v & l \end{pmatrix}$
	$\begin{pmatrix} l & l̥ \\ f & ʃ \end{pmatrix}$
Faringalizados	$\begin{pmatrix} t^s & t \\ d^s & d \\ l^s & l \end{pmatrix}$
Retroflexas	$\begin{pmatrix} ɭ & l \\ t & ʈ \\ ɽ & ɻ \end{pmatrix}$
Dupla Articulação	$\begin{pmatrix} ɡ̠b & b \\ k̠p & p \end{pmatrix}$
Constritivas	$\begin{pmatrix} v & v \\ ɥ & ɥ \end{pmatrix}$

Pares suspeitos envolvendo vogais:

Não arredondadas	$\begin{pmatrix} i \\ e \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} e \\ \epsilon \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \epsilon \\ a \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} a \\ ɑ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} ɑ \\ \Lambda \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \Lambda \\ \gamma \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \gamma \\ u \end{pmatrix}$
Arredondadas	$\begin{pmatrix} y \\ \emptyset \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \emptyset \\ \ae \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \ae \\ \ae \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \ae \\ ɔ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} ɔ \\ ɔ \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} ɔ \\ o \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} o \\ u \end{pmatrix}$
Centrais	$\begin{pmatrix} i & u \\ \emptyset & \emptyset \\ \emptyset & \emptyset \end{pmatrix}$
Arredondamento	$\begin{pmatrix} i & y \\ u & u \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} e & \emptyset \\ \gamma & o \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} \epsilon & \ae \\ \Lambda & ɔ \end{pmatrix}$
Centralização	$\begin{pmatrix} i & i \\ i & u \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} y & u \\ u & u \end{pmatrix}$
	$\begin{pmatrix} e & \emptyset \\ \emptyset & o \end{pmatrix}$ $\begin{pmatrix} a & \emptyset \\ \emptyset & ɑ \end{pmatrix}$

Chuí	ə i	ə i	ə u	ə e	ə ʋ	ə ʌ
Nasalização	i ĩ	a ẽ	u ũ	o õ	e ẽ	
Duração	i i:	u u:	e e:	o o:	a a:	
Lugar de Articulação	e ɛ	ɔ ɔ̃	a ʌ			
Abertura	e ɛ	ɔ ɔ̃	i ɪ	u ʊ		
Ditongos	ou o	ei e	ai a	eə ə		

### Distribuição complementar

Ao se fazer o levantamento dos sons que ocorrem em um determinado contexto, pode-se constatar que esse conjunto é limitado com relação a todas as possibilidades de ocorrência de sons de determinada língua. Alguns sons que se esperava encontrar simplesmente não ocorrem. Esse fato enquadra-se em uma das três possibilidades seguintes:

- Os dados são muito limitados e, portanto, não aconteceu de se ver nenhuma ocorrência dos sons procurados por simples acaso, mas eles ocorrem em outras palavras da língua. É preciso sempre trabalhar com muitos dados.
- De fato, há uma lacuna na distribuição dos elementos do sistema sonoro da língua, no ambiente sob investigação. As línguas não preenchem todas as possibilidades de ocorrência de todos os sons em todos os contextos possíveis. Portanto, são muito comuns as lacunas na distribuição dos elementos sonoros nos morfemas.
- O som procurado não ocorre, porque está em *distribuição complementar* com outros sons foneticamente se-

melhantes. Isto é, um desses sons ocorre *sempre* em um determinado contexto e o outro *sempre* em um outro contexto. Não se constata *nunca* a ocorrência de ambos em um mesmo contexto. Não somente variam os elementos, como variam também os contextos.

Por exemplo, em certos dialetos do Português (carioca, mineiro, baiano etc.), o fonema /t/ tem duas variantes que estão em distribuição complementar. Constata-se, neste caso, que [tʃ] ocorre *sempre* diante de vogal anterior fechada [i, ɪ] e *nunca* diante de outra vogal ou consoante. Por outro lado, o [t] *nunca* ocorre diante de vogal anterior fechada e *sempre* ocorre diante de outro tipo de vogal ou de consoante.

Sons foneticamente semelhantes em distribuição complementar são interpretados como *variantes contextuais* de um mesmo fonema.

Um outro exemplo: em certos dialetos do Português (paulista, gaúcho, carioca etc.) são encontradas consoantes nasais em meio de palavras, entre uma vogal (nasalizada ou não) e uma consoante oclusiva, como mostram os dados a seguir:

campo	[kẽmpu]	tempo	[tẽmpu]
canto	[kẽntu]	onda	[õũnda]
banco	[bẽŋku]	finca	[fĩŋka]

Nota-se que o [m] ocorre só diante de oclusiva bilabial, o [n], só diante de oclusiva alveodental e o [ŋ], só diante de oclusiva velar. Ou seja, a consoante nasal tem sempre o mesmo lugar de articulação da oclusiva seguinte e, como essas variam, as nasais variam também, gerando uma distribuição complementar de três elementos. A regra é a seguinte:

$$/nasal/ \rightarrow \begin{cases} [m] & / \text{___} \text{oclusiva bilabial} \\ [n] & / \text{___} \text{oclusiva alveodental} \\ [ŋ] & / \text{___} \text{oclusiva velar} \end{cases}$$

Ao se descrever a distribuição dos sons sob investigação, é preciso prestar muita atenção à correta caracterização do ambiente em que o par suspeito de sons ocorre. Uma falsa caracterização pode esconder uma distribuição complementar. Para resolver isto, é preciso fazer sempre um levantamento de todas as descrições contextuais possíveis para os dois sons, em geral, marcando as ocorrências de cada um deles em uma tabela, que tem, na ordenada, os sons e, na abscissa, os diferentes contextos. Veja os exemplos logo abaixo.

Dados tirados de uma variedade do Espanhol:

(beijo)	[beso]	(corda)	[baʝa]
(damos)	[damos]	(nada)	[naða]
(gato)	[gato]	(Havana)	[aβana]
(onde)	[donde]	(tenho)	[teŋgo]

Observando esses dados, pode-se fazer uma primeira hipótese, envolvendo os sons [b, d, g] e [β, ð, ɣ], dizendo que as fricativas ocorrem somente entre dois [a] \_\_ [a], ao passo que as oclusivas nunca ocorrem nesse contexto. Essa hipótese tem fundamento, mas não é completa com relação aos fatos da língua. Foi por puro acaso que, nos dados apresentados acima, as fricativas ocorreram somente entre duas vogais [a] \_\_ [a]. Há outras palavras na língua, como:

(uva)	[uβa]	(todo)	[toðo]	(dever)	[deβer]
-------	-------	--------	--------	---------	---------

Estes novos dados mostram ocorrências das fricativas não entre duas vogais [a] \_\_ [a]. Pode-se, então, fazer uma segunda hipótese: as oclusivas ocorrem em início de palavras e as fricativas em meio de palavras. Tal hipótese é válida para as fricativas, mas não para as oclusivas, uma vez que há dados como [donde] e [teŋgo]. Pode-se fazer uma terceira hipótese, especificando a ocorrência das oclusivas em meio de palavras. Pode-se dizer, agora, que as fricativas ocorrem em

meio de palavras, não após uma nasal; e as oclusivas, em início de palavras e em meio de palavras, se precedida por uma nasal. Esta hipótese é correta, mas, também, incompleta. Vendo outros dados, encontramos:

(verbo)	[verbo]	(palavra)	[palabra]
(tarde)	[tarde]	(orgânico)	[organiko]
(traço)	[razgo]		

Tabela para análise da Distribuição complementar

Contexto	SFS	a__a	início de palavra	meio de palavra	meio de palavra não após nasal	início de palavra	meio de palavra após nasal	entre vogais	nda
Fricativas	β	/		///	///			///	
	ð	/		//	//			//	
	ɣ	/		/	/			/	
Oclusivas	b		//	//		//			////
	d		///	//		///	/		////
	g		/	///		/	/		////
Hipóteses	Status	1ª incompleta	2ª não mostra a distribuição complementar	3ª incompleta para a distribuição das oclusivas em meio de palavras	4ª todas as ocorrências e mostra a distribuição complementar				

Estes novos exemplos acima mostram que as oclusivas podem ocorrer em meio de palavras, não seguindo uma nasal. Pode-se, pois, fazer uma quarta hipótese: as fricativas ocorrem entre vogais, em meio de palavras; e as oclusivas nos demais ambientes, isto é, em início de palavras, em meio de palavras, se precedida por consoante nasal, ou melhor dizendo, se precedida ou seguida por qualquer tipo de consoante.

Esta é a hipótese correta para mostrar a distribuição complementar entre esses sons. Poderia ser formulada também da seguinte maneira: as fricativas ocorrem sempre em posição intervocálica e as oclusivas nos demais ambientes.

$$/b,d,g/ \longrightarrow \begin{cases} [\beta, \delta, \gamma] / V \_ V \\ [b, d, g] / nda \end{cases}$$

Levando em conta os itens lexicais do Espanhol, apresentados acima, poder-se-ia ter chegado à conclusão final (quarta hipótese) através de um levantamento dos casos desses exemplos, colocados em uma tabela, da maneira como se apresentou na página anterior.

### Neutralização

Ao se proceder ao levantamento da distribuição dos fonemas nos contextos possíveis, pode-se notar, às vezes, que dois sons foneticamente semelhantes ocorrem em oposição fonológica em certos contextos, mas não estão em oposição fonológica em outros contextos. Em outras palavras, a oposição fonológica que ocorre num contexto se *neutraliza* (deixa de acontecer) em um outro contexto.

Algumas razões para a neutralização de uma oposição fonológica são: a não ocorrência de um dos membros do par de fonemas; a ocorrência complementar deles, caso em que um fonema ocorre num contexto e o outro em outro tipo de contexto; ocorrência de variação livre, envolvendo os sons em questão.

Por exemplo, em certas variedades do Português (dialecto paulista e outros), os SFS [s] e [z] são dois fonemas /s/ e /z/, quando ocorrem em início de sílaba, mas neutralizam-se, quando em final de sílaba. Veja os dados abaixo:

contexto:	# ___ V		V ___ V	
	selo	[selu]	caça	[kasa]
	zelo	[zelu]	casa	[kaza]
	cinco	[síŋ ku]	fuço	[fusu]
	zinco	[zíŋ ku]	fuso	[fuzu]
contexto:	V ___ + C		V ___ #	
	deste	[destɪ]	paz	[pas]
	desde	[dezɔ]	pés	[pes]
	asno	[aznɔ]	fiz	[fis]
	caspa	[kaspɑ]	avós	[avɔs]

(Às vezes, como acima, usa-se o símbolo +, em vez do ponto, para indicar separação de sílabas.)

Em início de sílaba, [s] e [z] são encontrados em pares mínimos e são, portanto, fonemas /s/ e /z/. Em final de sílaba, que é também final de palavra diante de silêncio, ocorre somente o [s] e nunca o [z]. Neste caso, a oposição fica neutralizada, e o fonema que ocorre é o /s/. Em final de sílaba em meio de palavra, diante de consoante, observa-se que o [s] ocorre somente diante de consoantes surdas e o [z], somente diante de consoantes sonoras. Estamos, portanto, diante de uma espécie de *ocorrência* complementar de fonemas. Neste caso, há a neutralização da oposição (não há ambiente comum em que contrastem) e a representação fonológica pode ser marcada pelos fonemas /s/ e /z/, cada qual ocorrendo nos seus devidos lugares. Uma outra solução é a representação da neutralização por um *arquifonema*.

O arquifonema representa a neutralização da oposição de dois fonemas já estabelecidos em outros contextos. A escolha do símbolo para se transcrever o arquifonema segue os mesmos princípios da escolha do fonema, quando ocorre uma

distribuição complementar. No exemplo acima, pode-se escolher o [s] para representar o arquifonema, o qual será escrito com letras maiúsculas: /S/. A regra das fricativas fica expressa da seguinte maneira:

$$/S/ \longrightarrow \left\{ \begin{array}{ll} /s/ & / \_ \_ C \text{ surda} \\ /z/ & / \_ \_ C \text{ sonora} \end{array} \right.$$

De maneira mais direta, pode-se indicar os alofones:

$$/S/ \longrightarrow \left\{ \begin{array}{ll} [s] & / \_ \_ C \text{ surda} \\ [z] & / \_ \_ C \text{ sonora} \end{array} \right.$$

Não seria correto dizer que [s] e [z] estão, de fato, em distribuição complementar, por isso, usa-se o termo *ocorrência complementar*. Uma distribuição complementar acontece quando um único fonema tem duas variantes, cada qual ocorrendo em contextos diferentes. Uma ocorrência complementar acontece quando dois fonemas neutralizam-se, porque ocorrem em contextos diferentes.

Em certas variedades do Português (dialeto paulista e outros), ocorre uma oposição fonológica entre [x] e [r], quando intervocálicos. Essa oposição neutraliza-se em início de palavras, porque, nesse contexto, nunca se encontram ocorrências de [r]. Veja os seguintes exemplos:

carro	[kaxu]	rato	[xatu]
caro	[karu]	Rita	[xita]
murro	[muxu]	roda	[xoda]
muro	[muru]	rumo	[xūmu]

contexto:	V _ V	# _ V
status:	oposição entre /x/ e /r/	Neutralização pela não ocorrência de [r]

Os seguintes dados são encontrados em certas variedades do Dialeto Paulista e em outros dialetos também:

apto	['apitu]	ou	['aptu]
objeto	[obi'ʒetu]		[ob'ʒetu]
afta	['afta]		['afta]
piscina	[pi'sina]		['psina]

Observa-se que, nessas palavras, ocorre uma vogal anterior fechada [i, ɨ] em certas ocasiões, a qual não ocorre em outras ocasiões da fala do informante. Palavras desse tipo apresentam uma vogal anterior fechada que pode ou não ocorrer. Ora, um fonema, para se manter como tal, deve estar em oposição com sua não ocorrência. Nos exemplos acima, o que temos, na verdade, é uma *variação livre* entre a ocorrência e a não ocorrência da vogal. Essa mesma vogal está em oposição fonológica em outras palavras como, por exemplo, em

pirata	[pirata]	prata	[prata]
biruta	[biruta]	bruta	[bruta]

Dizemos, portanto, que o fonema /i/ que ocorre em oposição fonológica com a sua não ocorrência, em certas palavras ou contextos, está em neutralização, juntamente com sua não ocorrência, em palavras do tipo exemplificadas acima. Trata-se de palavras marcadas no léxico com essa característica.

É preciso prestar atenção, quando se faz uma análise, para não confundir dados de sistemas diferentes. Um mesmo falante não diz *coisas contraditórias*. Porém, se compararmos dois falantes de dialetos (sistemas diferentes), podemos chegar a regras contraditórias, que afirmam e negam uma mesma coisa, ao mesmo tempo. Por outro lado, é sempre possível buscar regras mais abrangentes, que envolvem vários dialetos, numa tentativa de caracterizar a língua como um todo. Mas nem sempre isto é possível.

### Variação Livre

Até agora, foram vistos alguns casos em que sons foneticamente semelhantes encontravam-se em *variação livre*, isto é, a ocorrência de um ou de outro som, em um ambiente comum, não modificava o significado das palavras (ou morfemas, enunciados, sintagma). Exemplos:

<i>camada</i>	[kamada]	[kēmada]
<i>objeto</i>	[objɛtu]	[obʒɛtu]
<i>piscina</i>	[pisina]	[psina]

Pode-se acrescentar outros exemplos, encontrados na mesma variedade dialetal:

<i>fazer</i>	[fazer]	[faze]
<i>piscina</i>	[pisina]	[psina]
<i>mar</i>	[maɹ]	[maɹ]
<i>porta</i>	[porta]	[poɹta]

Todos esses exemplos apresentam casos de variação livre. Um mesmo falante pode usar uma pronúncia ou outra. Ou então, uns falantes dizem essas palavras de um jeito e outros – do mesmo dialeto – dizem-nas de outra forma. Isso é variação livre. Não ocorre nenhum condicionamento contextual que obrigue a ocorrência de sons em distribuição complementar.

Entretanto, os falantes nativos têm consciência de que uma forma não goza exatamente do mesmo prestígio que outra ou, ainda, de que uma das formas tem um determinado uso, diferente do uso da outra, embora ambas se refiram ao mesmo significado. Os diferentes usos – na fala – não são um aspecto estritamente fonológico (ou fonético), mas pragmático ou sociolinguístico. Assim, o que se chama normalmente de variantes livres (por não apresentarem condicionamentos

contextuais fonológicos) são, na verdade, variantes condicionadas por fatores extra-fonológicos, como o uso da fala em determinadas circunstâncias, a velocidade de pronúncia, o estilo mais ou menos formal, a classe social a que pertence o falante, o sexo, a idade etc. Estas são chamadas de variantes sociolinguísticas.

Voltando aos exemplos dados acima, nas palavras *fazer* e *piscina*, a primeira ocorrência é encontrada em um uso da fala que se caracteriza por ser mais formal e mais lento (pronúncia mais explícita) e a segunda ocorrência, por aparecer em uma fala mais informal (coloquial) e em uma pronúncia mais rápida da fala. A variação entre [ɹ] e [ɹ̥] ou [r] denota uma preocupação do falante em evitar *pronúncias estigmatizadas* pela sociedade, por exemplo, com o som de [ɹ], preferindo formas menos *marcadas socialmente*, como as pronúncias com [ɹ̥] ou com [r].

Uma forma estigmatizada é aquela que é considerada como de menor prestígio, caracterizando o usuário como membro de classes sociais inferiores ou de pessoas sem instrução. Em geral, esses julgamentos de valor social são dados com maior ênfase por falantes de outros dialetos, mas ocorrem também dentro da comunidade que usa o dialeto. Tal comportamento denota claramente um *preconceito linguístico*. Nenhuma variedade linguística é melhor ou pior que as demais. Qualquer variedade tem condições de se adaptar a qualquer necessidade linguística. O que sempre se encontra é uma situação linguística plenamente ajustada ao meio social em que ela existe. Na prática, os preconceitos linguísticos aparecem primeiro como marcas que as pessoas colocam em indivíduos ou classes sociais, inferiorizando-os e, depois, passam tal atitude para a fala, de tal modo que, posteriormente, os valores individuais sejam identificados através da linguagem. A fonte mais comum de variações livres é encontrada em casos em que se tem formas de prestígio e formas estigmatizadas de pronúncia.

### Overlapping fonológico

Quando um som pode ser atribuído ora a um fonema, ora a outro, ocorre um caso conhecido pelo nome de *overlapping fonológico*. Trata-se de um caso de *sobreposição alofônica*. Por exemplo, em certas variedades do Inglês americano, ocorrem /t/ e /d/ como dois fonemas distintos, por exemplo, em posição inicial de palavras:

dear	[diə]
tear	[t <sup>h</sup> iə]

Porém, em posição intervocálica, ocorre somente o alofone [r], como realização dos dois fonemas que, neste caso, estão neutralizados. Desse modo, palavras como *betting* e *bedding* têm a mesma pronúncia (são, pois, *ambíguas*): [bɛriŋ]. Embora a forma fonética seja a mesma, a representação fonológica fica distinta, uma vez que essas palavras são derivadas de *bet* e de *bed*, em que aparecem os fonemas /t/ e /d/ em oposição. Portanto, nos casos de *overlapping*, apenas os alofones coincidem. Na representação fonológica, as palavras são distinguidas através dos respectivos fonemas.

betting	/betɪŋ/	[bɛriŋ]
bedding	/bedɪŋ/	[bɛriŋ]

Em certas pronúncias do Português (dialeto paulista, por exemplo), encontra-se a oposição fonológica entre /x/ e /r/, em posição intervocálica:

carro	[kaxu]
caro	[karu]

Em final de palavras, diante de silêncio, a oposição é neutralizada, e o fonema que ocorre aí é o /x/ (ou arquifonema

/R/). No entanto, podemos encontrar pronúncias que usam, como alofones desse fonema (arquifonema), os sons [r, ʁ, ɹ, ʝ] e, até mesmo, o [r]. A atribuição do [r] ao fonema /x/, neste contexto, é um caso de sobreposição alofônica ou *overlapping fonológico*.

Um outro caso: em Português, há oposição fonológica entre /s/ e /z/, em posição intervocálica

caça	[kasa]
casa	[kaza]

Essa oposição é neutralizada em final de palavras diante de silêncio, uma vez que ocorre somente o fonema /s/ (ou arquifonema /S/):

paz	[pas]	vez	[ves]
atrás	[atras]	ovos	[ɔvus]

Todavia, esse fonema /s/, quando ocorre em final de palavras, diante de outra palavra que começa por vogal (sem pausa), ou por consoante sonora, isto é, no contexto de *juntura intervocabular* (ou *sândi*), apresenta como alofone não o [s], mas o [z]. A atribuição do [z] ao fonema /s/, neste ambiente, mostra mais um caso de *overlapping fonológico*.

casas	[kazas]
amarelas	[amarelas]
casas amarelas	[kazazamarelas]